



SEÇÃO: RESENHA

Uma inusitada introdução à Filosofia: A divulgação científica de Andoni Silva¹

An unusual introduction to Philosophy: Andoni Silva's scientific dissemination

Una introducción inusual a la Filosofía: La divulgación científica de Andoni Silva

Eduardo Rueda Neto²

orcid.org/0000-0003-0180-3895

eduardo.rueda.neto@gmail.com

Recebido: 01 abr. 2024.

Aprovado: 13 mai. 2024.

Publicado: 31 jul. 2024.

Resumo: Esta resenha examina a contribuição de Andoni Silva para a divulgação filosófica através de sua obra *Los 59 Argumentos Más Extraños de la Filosofía Explicados de Forma Simple Para Todos*. O livro de Silva, caracterizado por uma linguagem acessível e uma abordagem direta, visa desmistificar temas filosóficos complexos, tornando-os compreensíveis para o público não especializado. A obra destaca-se pela sua capacidade de estimular a curiosidade e o interesse pela Filosofia mediante a exploração de argumentos peculiares e temas variados, desde questões metafísicas até dilemas éticos e epistemológicos. Apesar de certas limitações, como a organização não sistemática e a presença de erros editoriais, o texto é elogiado por sua fluidez e capacidade de engajar leitores. Silva aborda temas como a natureza da realidade, a existência de Deus, a natureza do tempo, e o conceito de liberdade, entre outros, apresentando um vasto leque de teorias filosóficas de forma que incentiva a reflexão e a busca por conhecimento adicional. A obra é valorizada tanto por sua contribuição educacional quanto pela sua abordagem inovadora na divulgação da Filosofia, demonstrando a importância de iniciativas que buscam democratizar o acesso ao conhecimento filosófico.

Palavras-chave: divulgação científica; argumentos filosóficos; história da Filosofia.

Abstract: This review examines the contribution of Andoni Silva to philosophical dissemination through his book *Los 59 Argumentos Más Extraños de la Filosofía Explicados de Forma Simple Para Todos* (The 59 Strangest Arguments in Philosophy Explained Simply for Everyone). Silva's book, characterized by accessible language and a straightforward approach, aims to demystify complex philosophical themes, making them understandable to the non-specialist public. The work stands out for its ability to stimulate curiosity and interest in Philosophy by exploring peculiar arguments and varied themes, from metaphysical questions to ethical and epistemological dilemmas. Despite certain limitations, such as the non-systematic organization and the presence of editorial errors, the text is praised for its fluency and ability to engage readers. Silva addresses topics such as the nature of reality, the existence of God, the nature of time, and the concept of freedom, among others, presenting a wide range of philosophical theories that encourage reflection and the pursuit of additional knowledge. The work is valued for its educational contribution and innovative approach to the dissemination of Philosophy, demonstrating the importance of initiatives that seek to democratize philosophical knowledge access.

Keywords: scientific dissemination; philosophical arguments; history of Philosophy

Resumen: Esta reseña examina la contribución de Andoni Silva a la divulgación filosófica a través de su obra *Los 59 Argumentos Más Extraños de la Filosofía Explicados de Forma Simple Para Todos*. El libro de Silva, caracterizado por un lenguaje accesible y un enfoque directo, busca desmitificar temas filosóficos complejos, haciéndolos comprensibles para el público no especializado. La obra se destaca por su capacidad de estimular la curiosidad e interés por la Filosofía



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ SILVA, Andoni. *Los 59 Argumentos Más Extraños de la Filosofía Explicados de Forma Simple Para Todos: Una Curiosa y Extraña Introducción al Pensamiento Filosófico* (Kindle, 2022).

² Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, Brasil.

a través de la exploración de argumentos peculiares y temas variados, desde cuestiones metafísicas hasta dilemas éticos y epistemológicos. A pesar de ciertas limitaciones, como la organización no sistemática y la presencia de errores editoriales, el texto es elogiado por su fluidez y capacidad de enganchar a los lectores. Silva aborda temas como la naturaleza de la realidad, la existencia de Dios, la naturaleza del tiempo y el concepto de libertad, entre otros, presentando una amplia gama de teorías filosóficas de manera que incentiva la reflexión y la búsqueda de conocimiento adicional. La obra es valorada tanto por su contribución educativa como por su enfoque innovador en la divulgación de la Filosofía, demostrando la importancia de iniciativas que buscan democratizar el acceso al conocimiento filosófico.

Palabras clave: divulgación científica; argumentos filosóficos; historia de la Filosofía.

Muito se fala sobre a importância da divulgação científica ou popularização da ciência. Trata-se do processo de comunicar e tornar acessíveis conceitos científicos, descobertas e conhecimentos a um público mais amplo não familiarizado com a linguagem técnica e os meandros do campo de estudo em questão. O objetivo principal é traduzir informações complexas da ciência de maneira clara, compreensível e relevante para pessoas que não têm formação específica na área. A principal contribuição dos esforços de divulgação científica consiste em potencializar a educação mediante a democratização do conhecimento. Portanto, é extremamente louvável a ação de especialistas que, através de diferentes meios, procuram compartilhar da forma mais palatável possível os resultados de seu próprio aprendizado.

Um ótimo exemplo desse tipo de iniciativa são as obras publicadas pelo professor Carlos Andoni Silva Cocom, ou Andoni Silva, como costuma assinar os livros. Licenciado em Filosofia pela Universidade Autónoma de Querétaro, no México, e mestre em Educação pela Universidade Virtual do Estado de Guanajuato, no mesmo país, Silva é autor de dez títulos de publicação própria hospedados na plataforma de e-books Kindle, da Amazon. Com estilo direto e conciso, o professor Andoni, que também é *youtuber*, tem o dom de descomplicar a Filosofia e apresentar a disciplina de maneira atrativa e sem os clássicos floreios que geralmente desestimulam o interesse de quem começa a trilhar o caminho

da reflexão filosófica.

Em sua obra mais recente, à qual dedico esta resenha, Silva empreende uma tarefa desafiadora, mas que, afinal, desempenha muito bem: explicar de forma simples em 159 páginas o que, na opinião do autor, são os 59 argumentos mais estranhos da Filosofia. O livro não é organizado em seções, o que considero uma fragilidade do material. Apesar disso, nota-se uma interessante progressão temática em que, geralmente, o assunto de um capítulo deixa um gancho para o tema subsequente. Apesar de alguns erros de digitação e pontuação espalhados ao longo da obra o que se explica por ser uma edição mais "caseira", o texto é, em geral, bem escrito, com estilo agradável e compreensível. Pela natureza do material (uma introdução ao pensamento filosófico, como o próprio título explica), naturalmente notam-se lacunas que, numa obra mais exaustiva, deveriam ser preenchidas, como, por exemplo, a ausência de detalhamento de certas nuances do pensamento de cada filósofo. Tais lacunas, entretanto, não inviabilizam a compreensão dos temas expostos, antes estimulam o leitor a procurar se aprofundar a partir do "aperitivo" fornecido.

Uma ressalva que vale a pena fazer e que o autor pode, eventualmente, corrigir numa futura edição é que, por vezes, na exposição de determinado argumento, apresenta-se, antes da hora, a visão contrária, que procura desqualificar o argumento exposto. Exemplo disso ocorre no apêndice do livro, em que Silva se propõe a apresentar, primeiro, os argumentos a favor e, depois, os argumentos contra a existência de Deus, mas acaba colocando junto a alguns argumentos uma contestação, em vez de, de forma mais imparcial, deixar para contrapor os argumentos no final, talvez num capítulo à parte. Outro ponto a ser revisado é que, aparentemente, o autor confunde Xenófanes com Xenofonte (p. 59-61). Sabe-se que foi Xenófanes, e não Xenofonte, um dos primeiros pensadores gregos a defender o monoteísmo a partir de sua crítica ao antropomorfismo dos deuses gregos. Por fim, um último ponto negativo que é bom destacar é a falta de simetria dos

capítulos. No começo do livro, cada argumento é apresentado com poucos parágrafos, o que anima o leitor a princípio. Entretanto, da metade para o final da obra, os capítulos são mais extensos, tornando a leitura um pouco mais cansativa. É claro que o caráter de alguns temas demanda mais texto para explicá-los; mesmo assim, teria sido bom se o autor tivesse conseguido manter um tamanho consistente ao longo do material.

Excetuando-se as fragilidades indicadas aqui, considero o livro uma ótima introdução ao pensamento filosófico, sobretudo pelo fato de estimular o interesse pela via da curiosidade, o que pode muito bem ser explorado por professores, alunos e qualquer pessoa interessada em ampliar seu conhecimento sobre Filosofia.

A respeito da natureza da realidade, Silva começa o livro (cap. 1) com o conhecido experimento mental que supõe que sejamos todos "cérebros em cubas" e que tudo ao nosso redor e nossas interações sejam mera ilusão gerada por um supercomputador, experimento esse que inspirou a franquia de ficção científica intitulada *Matrix*. Posteriormente (cap. 28), Silva retoma a temática de que o mundo é uma ilusão, ideia encarecida pelo acosmismo, doutrina filosófica que nega a realidade do mundo físico. Nessa mesma linha, apresenta o estranho raciocínio do retórico Górgias sobre a não existência do ser, bem como a impossibilidade de conhecê-lo ou versar sobre ele (cap. 3). Semelhantemente, tem-se o argumento de Parmênides, de que o movimento não existe (cap. 5), uma vez que a perfeição do ser exigiria que não houvesse passagem do ser ao não ser, e vice-versa. Tal teoria, como se sabe, tentou-se comprovar mediante os famosos paradoxos de Zenão³ (cap. 6). Ainda sobre a natureza da realidade, Silva

expõe também a curiosa perspectiva, derivada da fenomenologia e do existencialismo, de que os personagens de uma obra de ficção são tão reais quanto qualquer outro ente material, tendo em vista a centralidade da experiência e da subjetividade nessas correntes filosóficas (cap. 45).

Expandindo o horizonte da metafísica — que alguns, sob um prisma positivista, argumentam não ter sentido, mas que continua sendo "a coluna vertebral da Filosofia" (cap. 32), Silva aborda ainda questões como a existência de Deus e a natureza do tempo. Aliás, diga-se de passagem, a teologia filosófica ocupa boa parte das explanações da obra, evidenciando a importância dessa temática para a reflexão filosófica como um todo. Como já mencionado, o autor apresenta alguns dos argumentos a favor e contra a existência divina (cap. 9, 10, 54-59), além de expor outras ideias — muitas delas bastante curiosas que se articulam em torno do conceito de Deus. É bastante conhecida a doutrina filosófica chamada panteísmo em resumo, a crença de que o Universo inteiro é divino ou que Deus está presente em tudo. Tal visão considera que Deus, o Logos ou o Absoluto, não é senão a totalidade do ser, isto é, de tudo o que existe. Semelhante doutrina foi esposada por diferentes pensadores ao longo da história, como pelos estoicos, por Espinosa e Einstein, e definida com distintos matizes (cap. 26-28).

Entre os pensadores que negaram a ideia de Deus e o valor da religião, Silva dá destaque a alguns mais proeminentes como Feuerbach, que considerava o conceito de Deus e a religião mera projeção da mente humana (cap. 24-25), e Nietzsche, que proclamou, simbolicamente, a "morte de Deus", a qual representaria, segundo ele, o declínio da religiosidade tradicional no Ocidente (cap. 38).⁴ Outro pensador que teorizou

³ Entre os paradoxos mais famosos Zenão, estão: (1) Paradoxo de Aquiles e a Tartaruga: Aquiles, sendo o corredor mais rápido, nunca alcançaria uma tartaruga em uma corrida se esta tivesse uma pequena vantagem. Zenão argumentou que, toda vez que Aquiles alcançasse o ponto onde a tartaruga estava, a tartaruga já teria avançado um pouco mais. Portanto, ele nunca poderia alcançá-la. (2) Paradoxo da Flecha: Zenão argumentou que, em qualquer momento dado, uma flecha em voo está em um lugar específico; portanto, não está se movendo. Se o tempo é composto por momentos, e em cada momento a flecha está imóvel, então ela não pode estar em movimento. (3) Paradoxo do Estádio: Se uma linha é dividida em partes infinitamente pequenas, então um corredor que viaje ao longo dessa linha deve primeiro alcançar o ponto médio, mas antes disso, deve alcançar o ponto que está a meio caminho entre o ponto médio e o ponto de partida, e assim por diante. Isso implica que o corredor nunca poderá chegar ao fim da linha.

⁴ O conceito filosófico da "morte de Deus", popularizado por Friedrich Nietzsche, sugere que a crença na existência de um ser supremo ou divino perdeu sua relevância e influência na sociedade moderna. Nietzsche argumenta que o avanço da ciência, o racionalismo e a secularização da cultura ocidental minaram as bases metafísicas da religião, resultando na morte simbólica de Deus como uma fonte de significado e autoridade moral. Essa ideia implica uma crise existencial e moral, desafiando os valores tradicionais e incentivando a

a "morte de Deus", mas por outro ângulo, foi o filósofo pessimista Philipp Mainländer, seguidor de Schopenhauer. Para Mainländer, a morte de Deus significa que, em última instância, o Absoluto se sacrifica para se tornar o Universo e tudo o que existe. Em outras palavras, o Uno se autodestrói para permitir a existência da multiplicidade de entes no cosmos — uma ideia bastante *sui generis* (cap. 41).

Ainda entre os argumentos relativos à religião em geral, menciona-se a avaliação da teósofa Helena Blavatsky, de que, no fundo, todas as religiões compartilham um núcleo comum (cap. 18), bem como, por outro lado, a visão de Peter Sloterdijk sobre as múltiplas — às vezes contraditórias — formas em que as religiões lidam com o desconhecido, o misterioso e o sagrado (cap. 37).

No que se refere ao tempo, a obra apresenta em dois capítulos (7 e 8) argumentos de que tal grandeza, na verdade, não existe. O primeiro, mais antigo, vem de Agostinho, segundo quem o tempo, sendo a medição que a mente faz da realidade, seria apenas subjetivo, visão bastante semelhante à que teria Kant, séculos depois.⁵ O segundo argumento é de Leibniz e não difere muito do de Agostinho, pois diz que o tempo não é senão a medida que nos informa sobre a mudança dos corpos. Opondo-se a Newton, para quem o tempo era absoluto, e adiantando-se à Teoria da Relatividade de Einstein, o pensamento de Leibniz sobre o tempo leva-nos a considerá-lo relativo e inerente ao movimento. Mas não foi apenas Leibniz que se antecipou às conclusões relativísticas de Einstein; voltando a Agostinho, este também postulou — filosoficamente e a partir de sua fé — que o Universo não é eterno, mas teve um começo, e que o tempo teve início junto ao cosmos, o que contraria o entendimento dos antigos gregos, para os quais a matéria sempre existiu.

Enfocando um pouco mais a cosmologia, Silva

reúne concepções que refletem sobre o Universo e sua história. No capítulo 44, apresenta o pressuposto mantido por pensadores como Pitágoras, Galileu e Einstein de que o Universo é matemático, isto é, harmonicamente regido por quantidades e proporções numéricas. Uma especulação filosófica destacada na obra sobre a história do cosmos tem que ver com o conceito de eterno retorno (cap. 29; cf. cap 49), oriundo dos estoicos e retomado por Nietzsche no século 19, com um viés mais ético do que cosmológico. Essa visão cíclica de história se opõe à compreensão mais linear e climática (que chega a um clímax) oferecida pelo cristianismo (representada filosoficamente por Agostinho) e pelas concepções utópicas de Hegel e Marx, com sua ideia de progresso (cap. 19).⁶ Silva também elenca as duas visões contrastantes de que, por um lado, vivemos no melhor dos mundos possíveis e o mal não tem substância, ou seja, não existe a não ser como ausência do bem (otimismo filosófico; cap. 46 e 47), e de que, por outro lado, na verdade, o cosmos seria um lugar caótico e desprovido de harmonia (cap. 36). Nesse contexto, o autor trabalha um pouco sobre a aleatoriedade preconizada, entre outros sistemas de pensamento, pela física quântica e pela chamada teoria do caos (cap. 48 e 49), o que contraria a visão determinista da física clássica (cap. 33).

Passando à epistemologia e tangenciando temas da antropologia filosófica, Silva lista argumentos sobre a natureza do conhecimento, como a concepção platônica de que conhecer é recordar (teoria da reminiscência), pois, mediante a dialética e a experiência, a alma resgata o conhecimento obtido previamente à encarnação no mundo das ideias/formas (cap. 14). Outro expoente da epistemologia apresentado na obra é Kant, que, em seu "giro copernicano", trouxe o sujeito cognoscente para o centro da discussão, antes ocupado pelo objeto cognoscível. Em

busca por novas formas de significado e ética fora do contexto religioso.

⁵ Na compreensão do filósofo Immanuel Kant, o tempo não é uma realidade objetiva existente independentemente de nós. Em vez disso, é uma intuição pura de nossa sensibilidade, uma forma *a priori* que usamos para organizar nossas experiências.

⁶ Na visão cristã, representada por Agostinho, a história é vista como uma narrativa que culmina na realização da vontade divina. Já para Hegel, a história progride em direção à realização do Espírito Absoluto, culminando no Estado racional. Para Marx, por sua vez, o progresso histórico ocorre por meio da luta de classes e da superação do modo de produção capitalista pelo socialismo, culminando na abolição das classes sociais e na instauração de uma sociedade comunista.

síntese, a epistemologia kantiana sugere que não podemos conhecer a “coisa em si”, ou seja, a realidade como é em si mesma, mas somente a leitura que nossa mente, com suas categorias inatas, é capaz de fazer da realidade (cap. 30).

Nos extremos da epistemologia estão visões como o ceticismo, de que não somos capazes de conhecer absolutamente nada (cap. 35), e outras, como o idealismo (cap. 7, 27, 28 e 45), que colocam demasiado peso na subjetividade, muito embora esta seja imprescindível para explicar a mente de forma mais ampla, como demonstra o experimento mental do “morcego”, de Thomas Nagel (Introdução e cap. 16). Igualmente extremo, para a filosofia tradicional, é a negação de um “eu” absoluto, conforme apresentada no capítulo 51 a partir da ótica de diferentes linhas de pensamento, uma vez que desafia a ideia arraigada de uma identidade fixa e unitária, abrindo espaço para interpretações mais complexas e multifacetadas da consciência humana.

No campo da subjetividade, o autor traz outras reflexões, bastante diversas entre si, como o conceito de ideologia segundo Marx — que moveria nossas ações, ainda que inconscientemente (cap. 17); a ideia de que nossa existência precede nossa essência, de Sartre, de modo que temos liberdade para determinar quem somos, nosso eu (cap. 39); e o famoso paradoxo do navio de Teseu, que nos permite refletir sobre quem realmente somos, sobre qual é nossa essência, se realmente a temos (cap. 12).⁷

Outro tema recorrente na obra é o amor. No capítulo 20, o autor fala sobre o amor como uma armadilha da natureza para perpetuar a espécie, baseado em Schopenhauer. Também com base nesse filósofo, Silva relembra a analogia dos porcos-espinhos em um dia frio para descrever o dilema humano da busca por conexão e intimidade, equilibrando-a com a necessidade de espaço

e proteção pessoal para evitar feridas emocionais (cap. 43). Destaca-se também a visão de Platão, mediada pela figura de Sócrates, segundo a qual o amor é o impulso natural a querer e perseguir o bem, impulso esse que teria sua origem no Absoluto (Deus) (cap. 21).

Na esfera ética, entre outros argumentos, Silva trata, por exemplo, do chamado intelectualismo ético, a crença de que agir moralmente está ligado de forma intrínseca ao conhecimento e à compreensão do que é moralmente correto, assumindo-se que a virtude decorre naturalmente do entendimento ético — o que é desbancado pela constatação de que o ser humano também pratica o mal conscientemente, e não apenas por ignorância (cap. 23). A liberdade é outro tema ético importante na obra, abordada pelo autor principalmente mas não somente — no contexto da discussão sobre o determinismo (cap. 33 e 34; cf. cap. 31). A questão básica é: Somos realmente livres, mesmo tendo em vista as cadeias de causalidade que se entremeiam no Universo?⁸

Outros argumentos de temas diversos — justificados pelas razões mais distintas e curiosas — incluem: a ideia de que os deuses são indiferentes aos seres humanos (cap. 22); de que Deus pensa “dentro” de nós mediante o processo de iluminação (cap. 13); de que melhor nos seria nunca haver nascido (outra faceta do pessimismo filosófico; cap. 40); de que a loucura tem seu lado bom (cap. 50); de que os maus não são tão maus (cap. 11); de que o Universo *não* tem limites (cap. 52); além de outros tópicos instigantes como o conceito de Pitágoras sobre a reencarnação (cap. 15), o “paradoxo do devedor” — protagonizado por Protágoras (cap. 2), a argumentação de Górgias sobre a inocência de Helena de Troia (cap. 4) e o conceito de justiça em John Rawls (cap. 53).

Em resumo, *Los 59 Argumentos Más Extraños de la Filosofía* é uma aprazível miscelânea que,

⁷ O paradoxo do navio de Teseu questiona a identidade de um objeto que sofre constante substituição de suas partes ao longo do tempo. Se todas as partes de um navio são gradualmente substituídas, ele ainda é o mesmo navio? E se essas partes forem usadas para construir um novo navio, qual seria o navio original? É um dilema sobre a continuidade da identidade através da mudança.

⁸ Em síntese, a discussão filosófica sobre o determinismo reflete sobre se os eventos do Universo estão predestinados a acontecer de acordo com leis causais ou se existe alguma forma de indeterminismo que permite escolhas livres e espontâneas. Essa reflexão envolve questões sobre a natureza da causalidade, da liberdade humana e da previsibilidade dos eventos. Ademais, é necessário lembrar que, filosoficamente, liberdade é a capacidade de agir ou escolher sem ser coagido por forças externas, enquanto a noção de livre-arbitrio, conquanto também esteja associada à tomada de decisões de forma autônoma, tem também um componente interno, subjetivo e mesmo metafísico.

ao mesmo tempo que dificulta o estudo sistemático com sua variedade e alternância temática, é agradável justamente por sua natureza multifacetada, além da objetividade, que torna a leitura menos cansativa. Sem dúvida, vale a pena dar uma chance para obras desse teor, sobretudo de publicação independente, constituindo isso um ato de fomento à divulgação científica e à democratização do conhecimento.

Eduardo Rueda Neto

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em Teologia pela Universidade Peruana Unión (UPeU). Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Editor de livros na Casa Publicadora Brasileira.

Endereço para correspondência

EDUARDO RUEDA NETO

Praça Pe. José de Anchieta, 158

Jd. Fortunato Minghini, 18276-610

Tatuí, SP, Brasil

O texto desta resenha foi revisado pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetido para validação do autor antes da publicação.